

O talento está em todos nós

*Para Milton Santos,
In memoriam*

- *O talento está em todos nós. Eu tenho, você tem. A gente precisa é desenvolvê-lo*, arrematou Mauro, o artesão de móveis lá de “Bichinho”, como é conhecida localidade de Vitoriano Veloso, arraial pendente entre o direito de pertencer ao município de Prados e o fato de estar vinculado por oportunidades de trabalho e comunicação a Tiradentes. Pois é, talento. Nessa palavra ele sintetizou a sua própria história, o rumo que a sua vida tomou depois de largar o emprego de motorista de caminhão.

Mas para essas gentes dali e de todo o Brasil, pobres de recursos materiais, obrigadas a labutar de sol a sol, uma palavra como esta não parece nem fazer parte do vocabulário. Como descobrir algo que foi esterilizado ao longo da vida inteira pelas circunstâncias opressoras? O ceticismo justifica-se, embora o erro seja, nas ciências sociais, uma consequência inevitável da generalização. A rigor, a criatividade popular não é anulada e sim deslocada para o âmbito do cotidiano, para as tarefas de andar a vida nas sofridas lidas da sobrevivência. Ainda que não exclusivamente, pois então como seria possível a festa, a comemoração? Perceber nos fazeres os talentos, transfigurados em “jeitos” de fazer (e de melhor fazer) ou deixar de fazer, nas habilidades de conviver com a adversidade, nas “táticas” de aproveitar as contradições, dar conta, enfim, do “engenho” popular, é resgatar o potencial humano que se intensifica ou se concentra exatamente entre as pessoas mais carentes de recursos e de poder.

Com certeza sobra pouco além da festa para um exercício mais criativo nas artes da representação da vida, na simbolização que ultrapasse as tradições e o saber consagrado, proverbial. É de se cuidar, ainda outra vez, porém, com o risco de reduzir as possibilidades à realidade extenuante da labuta. Pois quando a necessidade se impõe ou a paixão domina, desse aprendizado sem consciência clara, cheio de fragmentos de intuição genial, brota um outro entendimento, constituído por uma lógica ainda não reconhecida. Aí é o terreno das transformações mais lentas que irrompem, como vulcões, na vida das coletividades excepcionalmente, e ainda mais raros na vida de cada um.

Em outros termos, para desenvolver talentos de cada um, sendo cada um qualquer um, afora de períodos revolucionários, é preciso circunstâncias excepcionais.

Nesta viagem ao interior de Minas, em percurso restrito a Tiradentes, Prados e Resende Costa percorrido num final de semana de julho, vamos descobrir, três casais de amigos, alguns elementos da história de uma comunidade de artesãos, história que traz consigo o desenvolvimento do talento de pessoas comuns do povo.

No início, a curiosidade e as histórias em torno do nome da localidade. Havia ali, num tempo antigo, assim conta a lenda ouvida pela avó, já com 83 anos, um homem que foi o primeiro morador, Vitoriano Veloso. Ele tinha muitos bichos para alimentar, então ficou o nome. De fato, diz a outra versão, mas havia ali escravos que se passavam por bichos de criação do homem. E quem era ele? Na história seguinte, Vitoriano aparece envolvido com a fuga de escravos a quem dava asilo. Eles quem seriam os bichinhos de criação, a quem destinava os víveres adquiridos em Tiradentes. Um detalhe importante é que Vitoriano Veloso também foi um dos inconfidentes mineiros.

Em seguida, descobertas e encontros. De um Mauro, autor da tese que inicia esta narrativa, artesão do mobiliário capaz de combinar a raridade do cipó com a homogeneidade do eucalipto. Da *Casa da Lata* de Celso, mestre de móveis de maior apuro em termos de desenho e ergonomia, às quais empregáramos o termo arte sem sombra de dúvida. Há também as bordadeiras que vão pesquisar novas formas de apresentar o tradicional “fuxico”. Maravilhamo-nos com a habilidade das jovens que criam, nas bandeiras nacionais pintadas em tecido, uma pátria ornamentada com ícones de casa e comida – uma pátria concreta. (Os menores, diga-se aqui, somente vão para a Oficina depois do turno escolar concluído.) Naninho por seu lado, mostra esculturas de mulheres negras em tamanho natural, como a convidar-nos a uma conversa. Outro escultor, Bajeco, tem uma oficina de serralheiro onde arquiteta árvores com folhas-de-flandres, em cujo toque um dos amigos desvelou os sons da escala musical.

Como se geraram esses prodígios?

Tudo converge para a chamada Oficina de Agosto que tivemos a vantagem de conhecer ao final da visita ao arraial, permitindo-nos juntar os fragmentos numa síntese provisória onde se compuseram relatos, observações, lendas e história. Que começa com a vinda de um artista plástico, o Toti, para o arraial, por volta de 1993. Figura carismática, ele é um dos muitos artistas-artesãos oriundos do grande empório cultural do sudeste brasileiro, a cidade de Embu (São Paulo). Porque até então, como me conta Cláudia, empregada de Mauro na pousada onde ficamos hospedados, o povo do “Bichinho” corria para Tiradentes, pois o município de Prados nada tinha a oferecer, sequer uma linha de ônibus. As mulheres se empregam nos restaurantes, no comércio e nas casas de particulares, enquanto os homens têm lá serviços de obras, trabalho de pedreiro, essas coisas. Então, se não fosse o Toti, seria apenas isso.

O artesanato em “Bichinho” foi descoberto por ele. Estava em estado de latência, dormindo nos fazeres da vida, ou toscamente desenvolvido. Certamente há outros processos de desenvolvimento do artesanato, como se percebe nos leões e

na escultura de animais em madeira de Prados, ou a tecelagem manual de tapetes e colchas em Resende Costa. Mas em “Bichinho” a transição do artesanato para a arte se faz deliberadamente, em escala maior, num projeto no qual a série cede, muitas vezes, lugar ao objeto único. Nas várias oficinas que serpenteiam atrás da casa onde se expõem as obras, constata-se uma verdade. De lá veio, pelo ensino do Toti, um novo veio no qual se entrelaçam culturas e grupos sociais diferentes. O sentimento artístico toma conta dos artesãos que vivem lado a lado com artistas como o próprio Toti, Tâmara Sardinha ou Berzé. Enquanto estes se converteram à temática popular, marcada pela religiosidade barroca retratada nas imagens do Divino, das Nossas Senhoras de Aparecida e do Carmo, os homens, mulheres e jovens do povo descobriram a forma, o estilo, o apuro técnico, a história da arte, as múltiplas possibilidades de harmonizar a vitalidade com a beleza.

Esse sentimento, diga-se de passagem, traz a percepção da desvantagem da produção em massa, sujeita ao circuito comercial que acumula riqueza no outro pólo e, ao tempo em que retira a liberdade de expressão, vai limitando as possibilidades abertas com a Oficina de Agosto, sete anos atrás. Será um acaso que Joana, uma mulher simples que serve em sua barraca a galinha com *ora pro nobis* tenha solicitado ao Mauro do bar da rua principal servir também refeições para atender a clientela da classe média urbana – que agora invade o arraial em busca do inusitado e do maravilhoso ausente em suas vidas tão massificadas e estressadas? Por que abandonaria o impulso “natural” de enriquecer individualmente, senão por um sentimento maior e mais profundo? Sentimento de quem percebe como, num certo ponto, a melhoria na sorte material torna-se estorvo, uma vez que para *enricar* é necessário servir-se da exploração dos outros, acumulando e tornando-se também servo do próprio processo de acumulação. Sinal também de que alguns estão recusando atravessar a fronteira ultrapassada por outros. Mais uma vez está em questão um valor supremo – a liberdade.

Eu penso nisso tudo isso agora quando, no silêncio da madrugada, permito que a memória do sossego daquele lugar longínquo, simples e belo, tome conta de mim. Então me surpreendo outra vez ao ouvir os gritos do macho da *galinha- d’angola*, vulgo *capote* ou ainda *estou-fraco*, esse animal símbolo da liberdade para os escravos vindos da África que, séculos depois, ainda povoa o artesanato de “Bichinho”, um arraial desse imenso Brasil profundo.

Rio de Janeiro, 01 de agosto de 2001,
27 de setembro de 2012.



